

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA A DISTÂNCIA: OLHANDO PARA AS DISCIPLINAS DA CULTURA CORPORAL

*PHISYCAL EDUCATION TEACHER'S TRAINING IN DISTANCE MODE:
ANALYSING THE DISCIPLINES OF BODY CULTURE*

Guenther Carlos de Almeida 

Instituto Federal de Goiás, IFG
Inhumas, Goiás, Brasil
guenther.almeida@ifg.edu.br

Resumo. A formação de professores de Educação Física tematiza diversos debates e reflexões de cunho pedagógico, político e epistemológico. A Educação a Distância (EaD), como modalidade recente na formação inicial de professores de Educação Física, suscita velhas e novas questões sobre o trato com a cultura corporal na formação docente. Parte-se neste artigo da seguinte questão central: como se dá o processo de mediação do conhecimento, nas disciplinas que abordam as práticas corporais, nos cursos de Educação Física à Distância em Goiás? Aponta-se como objetivo da investigação compreender como o conhecimento próprio às disciplinas que lidam com a cultura corporal é mediado nos processos de ensino e aprendizagem presentes nos cursos de Educação Física a distância. Realizou-se uma pesquisa quanti-qualitativa que teve o método materialista histórico e dialético como horizonte e utilizou de análise documental, análise dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem, observações, entrevistas e grupos focais para coletar as informações, submetendo-as a uma triangulação dos dados. Os resultados encontrados apontam para: uma centralidade dos conhecimentos técnicos em detrimento dos explicativos e pedagógicos; trato com o conhecimento esvaziado de sistematizações e referenciais teóricos consistentes; e tempo pedagógico disponível para a aprendizagem.

Palavras chave: formação docente; cultura corporal; educação a distância; mídia; educação.

Abstract. The teachers training of Physical Education thematizes many debates and reflections of educational profile, political and epistemological. As a new mode in the initial training of physical education teachers, distance education (DE) raises old and new questions about the body culture at this time of teacher education. The main question in this article is: how is the process of pedagogical mediation in subjects related to bodily practices in Physical Education Courses through Distance Learning in Goiás? The goal of this research is to comprehend how the knowledge related to the subjects regard bodily practices occurs and it is mediated in the process of teaching and learning on Physical Education Courses through distance. A quanti-qualitative research was made using the method historical and dialectical material and also document analysis, observations, interviews, focus groups to collect information and submit them to a triangulation of data. The results indicate that the knowledge was poor of systematic knowledge and with little teaching time.

Keywords: teacher training; body culture; distance education; media; education.

INTRODUÇÃO

A possibilidade de desenvolvimento de um curso de formação inicial em Educação Física a distância pode causar estranhamento em um primeiro contato. No campo acadêmico da Educação Física este assunto tem sido tematizado há pelo menos seis anos, buscando compreender quais são os limites e as possibilidades da execução da formação inicial de professores a distância.

Nesta busca pela compreensão da possibilidade de tal curso, percebemos o posicionamento de pelo menos dois grupos. De um lado professores e entidades profissionais da Educação Física se posicionam contrários à realização da formação inicial em Educação Física a distância refutando a qualidade de tal formação. Por outro lado, os professores das universidades, vinculados a grupos de estudos e pesquisa no campo da mídia e Educação Física, advogam a possibilidade real de materialização de currículos e adequação de conhecimentos da área aos ambientes virtuais.

Articulada a essa discussão estão os limites e as possibilidades das tecnologias no campo da Educação/Educação Física. É latente o que Belloni (2002, p.122) indica “[...] todas as mídias, as novas como as ‘velhas’, fazem parte do universo de socialização das crianças, participando, de modo ativo e inédito na história da humanidade, da socialização das novas gerações, [...]”. É preciso apontar que a relação de socialização com as novas e velhas mídias não se dá de maneira igual a todos os sujeitos. Antes esta relação está determinada qualitativamente pela separação que presenciamos no mundo contemporâneo entre sujeitos que possuem amplo acesso às tecnologias e sujeitos que possuem acesso restrito aos aparatos tecnológicos.

Assim, compreendemos que a Educação a Distância como modalidade que se vale de diversas tecnologias midiáticas no processo pedagógico, assume a necessidade de democratizar e formar os

sujeitos não só para a compreensão das mídias, mas também para as relações sociais e educacionais que nelas se desenvolvem. Concordamos com Moraes (2003, p.131) que a EaD (Educação a Distância) “É antes de tudo um desafio político que os profissionais comprometidos com a emancipação do homem e a democratização da educação e da sociedade precisam efetivamente assumir.”

Pretende-se, com este trabalho, contribuir com o conjunto de reflexões e dados sobre a formação a distância de professores na Educação Física, sob a perspectiva da compreensão de seus limites e possibilidades. Intenta-se, também, realizar apontamentos que contribuam para a execução qualificada de tais cursos.

Frente ao exposto anteriormente formula-se a seguinte questão/problema: como se dá o processo de mediação do conhecimento, nas disciplinas que abordam as práticas corporais, nos cursos de Educação Física à Distância em Goiás? Com o horizonte nesta questão elege-se como objetivo da investigação compreender como o conhecimento próprio às disciplinas que lidam com as práticas corporais, é mediado nos processos de ensino e aprendizagem presentes nos cursos de Educação Física a distância.

Analisa-se os limites e as possibilidades da execução de um curso de Educação Física a distância com foco em duas categorias centrais: o trato com o conhecimento sistematizado sobre as práticas corporais na formação a distância e o tempo pedagógico.

METODOLOGIA

Este trabalho teve como fundamento uma pesquisa de cunho qualitativa realizada em um curso de Educação Física a distância participante do edital II da Universidade Aberta do Brasil (UAB), localizado no Estado de Goiás. O sistema Universidade Aberta do Brasil, segundo Brasil (2010) “[...] oferece cursos de formação superior para camadas da população que têm dificuldade de acesso à formação universitária, por meio do uso da metodologia da educação à distância.” Esta foi instituída pelo decreto n. 5800 de junho de 2006, com a “finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no País” (BRASIL, 2006).

Este sistema é integrado por diversas instituições, dentre eles: Universidades Federais, Estaduais e Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia. Nos últimos anos, estimou-se a criação entre 187.154 e 252.000 vagas no ensino superior, por meio deste sistema.

Dos diversos cursos ofertados temos cursos relacionados à área da Educação Física. Ao todo são dez cursos ofertados nesta modalidade, sendo oito de graduação, e dois em nível de pós-graduação Lato Sensu. O curso em análise situa-se no Estado de Goiás sendo ofertado por uma instituição formadora de professores de Educação Física. Este conta com nove polos de apoio presencial totalizando, aproximadamente 180 alunos vinculados a estes.

Dada a impossibilidade, pelo tempo da pesquisa, de analisarmos todos os polos, selecionamos dois, o de maior e o de menor evasão de alunos.

Foram foco da investigação as disciplinas ofertadas no período da pesquisa (fevereiro a junho de 2013) que tematizavam os elementos da cultura corporal, a saber: Fundamentos Sócio-culturais das lutas na Educação Física, Pesquisa e Ensino em Basquete e Pesquisa e Ensino em Handebol.

No processo de constituição da investigação e análise dos dados buscou-se dialogar com os fundamentos do método materialista histórico-dialético, sendo estes: a realidade social é fruto da ação intencional dos seres humanos e permeada de contradições entre as classes sociais; o real é passível de cognição por parte dos seres humanos via um processo rigoroso e sistemático de identificação dos dados do real, organização e análise no campo do pensamento; o processo de conhecer deve retornar ao real de maneira sintética e propositiva, visando a análise e a transformação da realidade social (FRIGOTTO, 2010).

Dessa maneira utilizou-se nos dois polos investigados os seguintes instrumentos de coleta de dados: análise de documentos; observações sistemáticas; análise dos ambientes virtuais, entrevista com os professores formadores e orientadores acadêmicos; e grupo focal com os alunos.

A análise documental foi realizada com o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) e as leis e decretos de criação e regulamentação da UAB (lei n. 9.394/96, decreto n. 2.494/98, decreto n. 5.622/05 e o decreto n. 5.800/06).

As observações foram sistemáticas e realizadas nos encontros presenciais dos dois polos selecionados, totalizando 24 observações dos encontros presenciais das três disciplinas elegidas. Para esta ação usou-se um roteiro previamente elaborado que dialogou com os objetivos da pesquisa.

A análise dos ambientes virtuais de aprendizagem se deu nos fóruns, textos, vídeos e outras ferramentas utilizadas para a mediação do conhecimento. Nestes buscou-se a forma e conteúdo que ganharam centralidade no desenvolvimento do curso em questão.

As entrevistas foram realizadas com:

- os professores formadores, que são docentes com vínculo empregatício estável com a Universidade e, normalmente, são os responsáveis por ministrar as disciplinas correspondentes oferecidas na modalidade presencial; na modalidade EaD. Estes organizam e gerem as disciplinas do currículo;
- os orientadores acadêmicos são docentes sem vínculo empregatício estável com a Universidade. Estes são remunerados por bolsas pagas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e prestam serviços de docência na educação a distância de acordo com a necessidade do curso e dos polos. Também são responsáveis por organizar, gerir e ministrar as disciplinas oferecidas, tanto nos encontros presenciais como nos ambientes virtuais de aprendizado, na modalidade EaD;

O desenvolvimento desse procedimento foi feito com um roteiro de questões semiestruturadas, que foi elaborado antes da realização da entrevista com perguntas que buscaram diálogo com os objetivos da pesquisa. Nesse procedimento, foram entrevistados: dois professores formadores (uma professora foi responsável por duas disciplinas) e cinco orientadores acadêmicos (uma orientadora foi responsável por duas disciplinas). O nome dos sujeitos e das disciplinas apresentadas neste trabalho são fictícios para garantir o anonimato dos mesmos.

O grupo focal foi realizado com dez alunos no polo de menor evasão e nove alunos no polo de maior evasão; tal diferença se deu pela impossibilidade de um aluno participar do procedimento. Sua composição compreendeu a participação de homens e mulheres, realizada em um encontro de aproximadamente uma hora no polo de menor evasão e duas horas e meia no polo de maior evasão. O critério de seleção dos participantes foi a interação/participação no Ambiente Virtual de Aprendizagem e nos encontros presenciais, sendo prioridade os que mais participavam das atividades do curso.

Os dados foram analisados com base na proposta de triangulação de dados de Triviños (2009). Este procedimento, segundo esse autor, busca uma apreciação e interpretação dos dados mais aprofundada e analítica da realidade estudada. Busca-se com a triangulação uma articulação do que foi encontrado na pesquisa em três dimensões: os processos e produtos centrados no sujeito (planos, falas nas entrevistas e grupos focais); os elementos produzidos pelo meio dos sujeitos (leis e normativas); e os processos e produtos originados pela estrutura socioeconômica e cultural do macro-organismo social do sujeito (estrutura social). Da análise dos dados emergiram duas categorias que serão desenvolvidas no tópico subsequente.

Todos os procedimentos realizados nessa pesquisa seguiram as orientações éticas para pesquisas científicas e foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, cujo número de registro é 033/13, aprovado em 19 de fevereiro de 2013.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trato com o conhecimento das práticas corporais na formação a distância

A constituição dos conhecimentos próprios da Educação Física estabelece uma estreita relação com o processo de constituição e legitimação característicos deste campo de conhecimento. Sendo assim, pode-se afirmar com base em Soares (2007), que a Educação Física é filha da medicina com o militarismo. Estas duas instituições legaram à educação do corpo o olhar biologicista, pautado em uma concepção positivista de mundo e um olhar tecnicista/esportivista que buscava o corpo mais forte e ágil.

Assim, a história das disciplinas que tratam das práticas corporais em cursos de formação de professores para este campo, aponta para um estreitamento com essa herança histórica. González (2004) afirma com base em pesquisas próprias e em estudos de diversos autores da área, que nos currículos da formação em Educação Física os esportes ainda ocupam grande parte das disciplinas, ficando o trato com o conhecimento reduzido ao seu saber fazer por meio da técnica e das regras dos esportes.

O modo de ser destas disciplinas, como assevera González (2004), tem sido sistematicamente questionado no campo da Educação Física. As críticas relacionam-se à redução aos conhecimentos técnico-operacionais da cultura corporal (técnicas e regras). Para além do saber fazer entende-se que o conhecimento da cultura corporal (incluindo o esporte) envolve pelo menos mais duas dimensões de conhecimentos que são: os conhecimentos explicativos sobre as práticas corporais e os conhecimentos pedagógicos destas. Os conhecimentos explicativos sobre as práticas corporais são aqueles que elucidam

tal prática sócio-cultural, sob os mais diversos enfoques biológicos e sociais com base em diversas disciplinas científicas, como a sociologia, a fisiologia, a antropologia, entre outras. Já os conhecimentos pedagógicos das práticas corporais são aqueles que direcionam a compreensão de como o sujeito aprende a cultura corporal, este corpo de conhecimentos está relacionado às metodologias de ensino da Educação Física e à psicologia do desenvolvimento humano.

Percebe-se a preocupação em abordar as práticas corporais articulando estas três dimensões do conhecimento, tanto na fala da orientadora acadêmica Carolina como no PPC do curso:

Olha eu vou ser sincera eu acho que tem que, é tudo um conjunto porque pelo menos eu tento trabalhar com todas as disciplinas que eu trabalhei [...] eu gosto de estar sempre dando exemplo, você viu lá na aula eu falo de fisiologia, eu falo de anatomia eu falo de biomecânica eu falo de futebol, eu falo de basquete, então todas essas disciplinas eu já trabalhei então eu gosto de estar sempre englobando tudo porque u acho que nessas disciplinas da Educação Física eu acho que não tem como você separar. (orientadora acadêmica Carolina).

- atuar e refletir criticamente acerca de suas funções formadora, pedagógica, científica, política e social;
- desenvolver a atitude científica por meio da pesquisa, da reconstrução do conhecimento e de avaliações socioculturais do movimento humano, com foco nas diferentes formas de educação corporal, visando à produção e à ampliação do acervo cultural humano;
- compreender os métodos de produção de conhecimento, objetivando a (re) construção de saberes docentes em Educação Física;
- compreender a complexidade dos processos objetivos e subjetivos de formação e desenvolvimento humanos;
- compreender as relações que permeiam o corpo e suas interfaces com a educação, o lazer, a saúde, a estética, a cultura, o mundo do trabalho e a sociedade [...]. (BRASIL, 2009, p.5).

É notável que alguns professores e o PPC do curso se preocupam com o diálogo entre estas três dimensões das práticas corporais, porém, essa preocupação não se converte em ações pedagógicas efetivas na seleção dos textos que serão base para as disciplinas, nem na condução destas no AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem). As falas de outro orientador e dos alunos sobre esse tema mostram mais claramente a divergência sobre a questão:

Bom, eu acredito que, igual eu comentei com eles que a técnica ela é inerente ao esporte, eles precisam identificar pelo menos a técnica [...], essa pessoa precisa dessa técnica pra desenvolver seu trabalho, no esporte também é a mesma coisa ele precisa dessa técnica, aliado à técnica, a gente tem alguns saberes pedagógicos, de como vai se dar essa técnica, e como ela vai ser inserida no mercado de trabalho e aonde ele vai desenvolver. Então esses saberes pedagógicos de como saber que tem uma técnica e como eu vou utilizar essa técnica, é que vai dar a liga ou não pra essas questões. (Orientador Acadêmico Pedro).

Na verdade, a metodologia de trabalho foi tecnicista, disfarçadamente dizia que não era, mas era. Sempre foi bem tecnicista nessas três disciplinas [...] Bom, também concordo com os colegas, as três disciplinas foram com muita teoria, embasadas na técnica [...] Dentro destas três disciplinas, eu não sei se posso estar respondendo no caminho certo, eu acho que o que mais foi tenso foi a parte teórica das técnicas, como os outros colegas falaram. Muita teoria de técnica e pouca técnica [...]. (grupo focal polo 1).

Percebe-se em vários momentos no Ambiente Virtual e nos encontros presenciais (em pelo menos duas das três disciplinas), que o conhecimento em foco é o que denominamos de técnico/operacional. Tal centralidade pode ser observada nos textos base das disciplinas, como vemos na Tabela 1:

Tabela 1. Textos didáticos utilizados na disciplina de handebol.

| Título | Autor(es) | Tipo de conhecimento abordado |
|---|---|--------------------------------------|
| Ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas | Luciane Cristina Arantes da Costa e Juarez Vieira do Nascimento | Técnico e tático |
| Texto base: Ensino e Pesquisa em Handebol | Professora Formadora | Técnico, tático e regras |
| História do Handebol | Site: handsport | Histórico factual |
| Handebol em cadeira de rodas | Site hcr Brasil | Técnico |
| Manual do Handebol | Pablo Juan Greco e Juan J Fernández Romero (orgs) | Histórico, técnico e tático |
| Iniciação ao Handebol: uma estratégia lúdica Para as aulas de educação física | Renan Neo Monteiro Regiane Cristina Galante | Pedagógico |
| O processo de ensino e aprendizagem do Handebol escolar: Analisando a atuação docente | Suellen Cristina Vaz de Oliveira | Pedagógico |
| A implantação do Handebol na escola: um pequeno modelo de projeto político-pedagógico | Allan José Silva da Costa | Pedagógico |
| Introdução ao Handebol | Eloy Zamberlan | Técnico e tático |

Fonte: Dados da Pesquisa.

Além da centralização nos conhecimentos técnico-operacionais, o trato pedagógico destes não foi acompanhado de uma quantidade satisfatória de vivências práticas. O processo de incorporação das técnicas e regras se deu no AVA focalizando uma descrição de gestos técnicos consolidados no campo acadêmico da EF produzindo um discurso sobre a técnica, como aponta o grupo focal do polo 1:

[...] assim como a colega, eu acho que o que mais se tentou passar pra gente foi a técnica só que a técnica em si ela é morta. Não tem como você entender uma coisa repassar uma coisa sendo que ela é virtualmente montada na sua cabeça, eu não tenho ideia, eu não tenho noção eu posso ver 1500 jogos de prática corporal 3 na tv ou em um campinho com os meninos que eu não vou conseguir compreender como que é, se aquilo realmente é uma técnica, porque uma coisa é o papel e outra coisa é a prática. (grupo focal polo 1).

Apesar das considerações sobre a necessidade de superação da abordagem tecnicista o trato com os conhecimentos técnico/operacionais apresentou uma dinâmica fechada e restrita em relação a estes conhecimentos, como aponta o grupo focal do polo 1:

Nessas disciplinas a gente percebe que a coisa é muito fechada, focada em regras, focada naquela coisa é assim que tem que ser feito e aí a gente não tem uma coisa assim, nenhum conteúdo, nenhuma forma de você mudar porque são esportes fechados e que a gente precisa estudar a regra dele. (grupo focal polo 1).

Não é nossa intenção desqualificar os conhecimentos técnicos, até porque o conhecimento técnico/operacional constitui-se como um elemento fulcral na compreensão das práticas corporais, mesmo com toda crítica a sua visão historicamente reduzida e fragmentada. Concorde-se com o professor formador João quando ele afirma:

[...] sem pensar muito, uma possibilidade fazendo essa devida articulação do presencial com o a distância, porque da prática corporal que envolve pessoas que estão vivas, sentindo cheiros, olhando nos olhos, tem uma música de capoeira que diz o seguinte, é olhando nos olhos que eu sei quem tu é, é olhando nos olhos que eu vou confessando quem você é, mais ou menos assim entendeu. Então essa coisa que acontece na experiência vivida, no concreto vivido, que a EaD não vai ser possível, que o ensino a distância não vai ser possível, fazer essa conexão se não, não tem como, não tem como. Não tem como a gente conversar e vivenciar e fazer alguma coisa que vão ter

elementos dessa troca, se não for presencialmente, então esse é o maior desafio, como convencer de que as pessoas vão aprender de verdade, de forma qualificada, ampla um conteúdo de práticas corporais que envolve conhecimentos para além dos conceitos [...]

A compreensão da prática corporal e a possibilidade de superação de visões fragmentadas só é possível em sua plenitude, na dimensão do fazer ampliado. No caso da formação em Educação Física, do fazer articulado com o compreender, explicar e pedagogizar. Substituir a vivência corporal e as dimensões técnicas/operacionais, por um discurso sobre elas é esvaziar a própria possibilidade de reprodução e transformação das práticas corporais.

[...] o que a gente mais teve que pecou um pouquinho foi a gente ver a técnica na teoria, de ver técnica e ver regra na teoria na hora de colocar na prática é igual a colega disse a gente está assistindo um jogo da prática corporal 3 a gente não sabe identificar qual foi a técnica que a jogadora utilizou, porque a gente viu aquilo na teoria. Lá tá lindo no desenhinho, mas na hora que ele está correndo, não está paradinho igual no desenho pra gente ver, pra gente identificar. (grupo focal polo 1).

Ademais, é preciso compreender os conhecimentos técnicos/operacionais dentro da dinâmica da cultura e da possibilidade de criação e recriação dos mesmos, sendo necessários, mas não os únicos no trabalho pedagógico da Educação Física na Escola.

E hoje a gente sente um pouco no estágio que a gente está fazendo, que os alunos cobram da gente, mas, professor e a técnica como que faz é assim? Poxa eu tive pouca aula prática às vezes a gente fica até com vergonha de executar o movimento porque não sabe se está certo ou não. Então teoria demais, prática de menos, e às vezes a teoria distorcida da prática. (grupo focal polo 1).

A fala acima reafirma que para que os futuros professores possam ensinar uma determinada prática corporal, eles necessitam de vivenciá-la de maneira ampla e que haja o domínio mínimo possível. Para que eles possam ensinar de maneira crítica é necessário que seja produzida uma segunda natureza¹ neles juntamente com os conhecimentos explicativos e pedagógicos.

Na formação de professores é necessário reconhecer, especialmente no que tange a relação entre os tipos de conhecimento, que “[...] não é possível ser criativo sem dominar determinados mecanismos”, como aponta Saviani (2011, p.17). O domínio dos conhecimentos técnico/operacionais é imprescindível ao futuro professor de Educação Física e a criatividade frente a tais conhecimentos não virá a posteriori, é preciso “[...] incorporá-los, isto é, torná-los parte de nosso corpo, de nosso organismo, integrá-los em nosso próprio ser” (p.18). Quando tais conhecimentos são incorporados pela vivência do movimento “poder-se-ia dizer que o que ocorre, nesse caso, é a superação no sentido dialético da palavra. Os aspectos mecânicos foram negados por incorporação e não por exclusão” (p.18).

Dessa maneira é possível uma nova síntese em relação aos conhecimentos técnicos, explicativos e pedagógicos, articulação esta que supere a fragmentação dos conhecimentos da cultura corporal e a desqualificação/centralização.

Outro elemento problemático está na forma como o conhecimento pedagógico é mediado. Há que se considerar que em todas as disciplinas há uma tentativa constante de relacionar a prática corporal à turmas escolares ou à forma como o futuro professor deve agir frente a situações pedagógicas nas escolas de maneira geral.

Apesar de associar alguns conhecimentos pedagógicos aos predominantes técnico-operacionais, o trato destas questões é esvaziado de construções sistematizadas com base em conhecimentos científicos. Normalmente, o que orientava as postagens dos sujeitos no AVA era a experiência como aluno ou professor das práticas em questão. Tal afirmativa pode ser notada em quase todas as postagens dos alunos e Orientadores Acadêmicos de todas as disciplinas nos fóruns de discussão no Ambiente Virtual. Os gráficos a seguir, relativos à disciplina de Basquete no polo1 revelam tal dinâmica.

¹ Saviani (2011, p.19) aponta que a segunda natureza é o processo em que “Nós praticamos com tamanha naturalidade que sequer conseguimos nos imaginar desprovidos dessas características”.

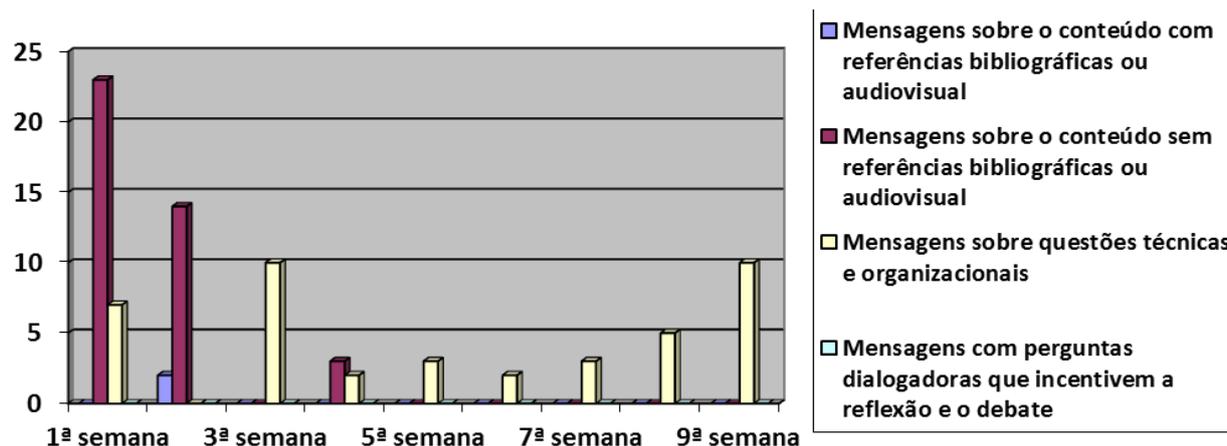


Gráfico 1. Mensagens dos alunos - Polo 1. Fonte: Dados da pesquisa.

Há pouca ou quase nenhuma referência dos alunos nos fóruns a autores que embasam as temáticas que são discutidas no decorrer das semanas, o maior número de referências a conceitos científicos estão nos textos base para cada semana trabalhada, tal texto é elaborado pelo professor formador, e parece não ser aprofundado pelos orientadores acadêmicos, como pode ser percebido nas mensagens do Gráfico 2.

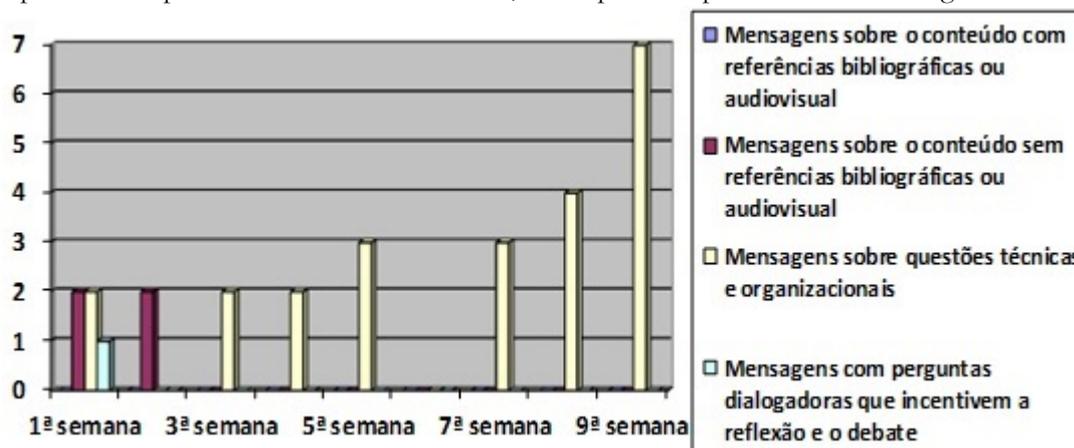


Gráfico 2. Mensagens da orientadora acadêmica/professor formador – Polo 1. Fonte: Dados da pesquisa.

Nos chama a atenção a ausência de referencial bibliográfico nas postagens dos orientadores acadêmicos sobre o conteúdo (quando elas acontecem). Estes sujeitos, na maioria das vezes, organizam o conhecimento na disciplina não com base no texto proposto e sim, em suas experiências e impressões sobre a prática corporal e a escola. Entendemos que a formação profissional deve estar pautada na construção de conhecimentos científicos e que dialogue com a realidade escolar e a experiência, sem contudo, prescindir dos referenciais teóricos. Estes aspectos entram em contradição com o PPC do curso e o direcionamento que o mesmo dá: “Formação teórica consistente e interdisciplinar sobre o fenômeno educacional e seus desdobramentos sócio-históricos e culturais” (Brasil, 2009, p.6).

A displicência dos orientadores com o ambiente virtual e com o trato com o conhecimento também contradiz o PPC que afirma que é atribuição deste “atender e ajudar alunos nas questões teórico-metodológicas do curso...” e também do professor formador “acompanhar o desenvolvimento do curso em seus aspectos teórico-metodológicos e operacionais” (Brasil, 2009, p.7).

Tais elementos nos levam a compreender que a EaD não conseguiu superar, por incorporação, e avançar no trato com os conhecimentos técnico/operacionais. Vimos que diante do projeto das disciplinas, como é o caso da disciplina A, têm bastante potencial para empreender tal mudança. Porém, ainda esbarra na mediação pedagógica dos conteúdos esvaziada de articulação entre os três conhecimentos (técnico/operacional, explicativo e pedagógico). Veremos que outro fator que causa entrave no desenvolvimento dos conhecimentos da cultura corporal é o tempo pedagógico para tal tarefa.

O Tempo Pedagógico

Os elementos apresentados no tópico anterior parecem ser agravados pela relação que a EaD estabelece com o tempo para a mediação pedagógica de um determinado conhecimento ou conceito. Compreendemos que a relação com o tempo de aprendizagem depende especialmente do tempo disposto ao aluno para que ele aprenda e, também, do tempo que o aluno dispõe para aprender.

Na educação presencial este tempo é delimitado pelo momento em que o aluno tem que estar presente na Universidade e pelo tempo que a disciplina dura, semestres, anos, etc. Porém, na EaD esse tempo está circunscrito ao tempo que o aluno dispõe para entrar no ambiente virtual, no tempo dos encontros presenciais e no tempo de duração das disciplinas. Em uma comparação rápida, as disciplinas analisadas na EaD duram em média oito semanas (dois meses) com três encontros presenciais sendo um deles para a avaliação escrita, enquanto suas correlatas no ensino presencial, duram em média 16 semanas com 32 encontros presenciais.

Dessa maneira, a avaliação das observações mostra encontros onde os conceitos são abordados de maneira muito superficial e rápida devido ao pouco tempo disposto para a experimentação prática e solução de eventuais dúvidas. Somado a esse fato, os encontros presenciais analisados deveriam ter a duração de 4 horas, porém, em quase todos analisados os encontros começaram com atrasos médios de 15 a 30 minutos e finalizaram em média 45 minutos a uma hora antes do previsto.

Quanto à percepção dos professores e alunos envolvidos no curso, quando questionados sobre o tempo para o trato com o conhecimento são unânimes em afirmar que, na EaD, este é escasso, como vemos abaixo:

Eu acho o tempo muito curto . . . se você não tiver mais encontros, uma carga horária maior pra tá trabalhando com esse aluno os fundamentos daquilo ali daquela modalidade você não vai conseguir esse aluno, eu volto a dizer, a impressão que dá é que você está formando ninguém pra nada então na verdade eu acho que não está formando, você está informando. (orientador acadêmico Luiz).

Eu acho muito pouco, o tempo da própria disciplina do acontecimento da própria disciplina é muito restrito, pouco tempo de acesso, a gente começa a disciplina daqui a pouco já tá terminando a disciplina, é muito rápido e eu acho que é muito pouco tempo, em parte pra a cara que é dada pra disciplina, minimamente atendeu, mas acho que extremamente, eu acho é que precisa mais, precisa mais tempo pra aprendizagem, inclusive, nesses aspectos que estão contemplados nos objetivos da disciplina. (Prof. Formador João).

Eu acredito que o tempo é pouco, eu acredito que deveria ter um tempo maior, pra se trabalhar os conteúdos, mesmo porque a gente tem muita dificuldade, eu no caso tenho muita dificuldade, eu acredito que deveria ser um tempo maior. Quanto que relação ao tempo eu acredito que da forma que está sendo utilizado, está sendo transmitido o conhecimento ele está muito pouco. (grupo focal polo 2).

Toda essa relação com o tempo não está restrita a uma percepção subjetiva de quantidade, mas também à qualidade que se tem para se realizar o que se faz, como percebemos nas falas dos alunos apontando para um aligeiramento e superficialidade no trato com o conhecimento:

Eu acho é que a gente teve poucos encontros presenciais e quando a gente teve esses encontros presenciais, aqueles encontros longos, às vezes não dava nem tempo de interagir com ele, porque era conteúdo atrás de conteúdo . . . Pra mim nessas 3 disciplinas com as quais já falei é o tempo, o tempo pedagógico, ou melhor dizendo, é a falta desse tempo. Você ter uma aula das 8 às 5, prática, primeiro que você não consegue assimilar nada que é muita coisa pra pouco tempo. (grupo focal polo1).

Se tratando dessas disciplinas A, B e C, a C nós não concluímos ainda mas, eu acredito que nós já tivemos outras matérias, outras disciplinas que o conteúdo foi prático. Eu acredito que a metodologia delas foram melhores aplicadas do que está sendo agora o conteúdo práticas corporais 1 e práticas corporais 2, pra quem nunca teve uma participação efetiva nelas e a prática corporal 3 em si ele fica muito a desejar porque é algo muito superficial, não trás aquela profundidade . . . sobre as disciplinas A, B e C,

bom foram todas assim, bem fomos bem, como os colegas já falaram, mas, como o colega disse assim muito superficial não aprofunda para tem aquele conhecimento mais profundo mesmo. Não sei dizer assim porque é EaD o correto seria dessa forma mesmo, mas, se tivesse como mais participação e mais transmissão de conhecimento, assim presencial mesmo, acredito que a gente poderia estar aprendendo mais ainda. [...] (grupo focal polo 2)

Como dito anteriormente, associado a essa face do tempo pedagógico, está o tempo que o aluno dispõe para cumprir suas obrigações acadêmicas. Este também possui alguns aspectos limitantes. O orientador acadêmico Carlos expõe de maneira geral a relação dos alunos com este tempo:

O aluno tem que ter uma auto disciplina muito grande que, historicamente a gente não tem nem culturalmente ninguém tem, poucas pessoas tem . . . você direciona, fala ó você vai ler isso então o aluno vai fazer leitura dinâmica, vai ler em 10 minutos, o outro vai ler em 2 horas então o tempo é muito relativo pra mim na EaD. Tinha que ter mais tempos para eles dedicarem só à aquilo, pela própria fala deles um fala assim: “não professor eu entro na plataforma só sexta feira a noite aí entro na plataforma, vejo o que tem pra fazer e faz naquela hora”, mas espera aí, você tem que ler o texto e já fazer o resumo, “não eu faço na hora, por que as vezes eu já coloquei alguma coisa, na quarta feira eu coloquei não professor, mas eu só entrei na sexta já fiz e pronto”, então eles mesmo não dão conta de organizar o tempo deles pra estudar. (orientador Carlos).

O tempo restrito para realização das atividades na plataforma é apontado também pelos alunos:

Falo por mim próprio, às vezes, tem uma certa dificuldade de estar mesmo fazendo as coisas de estar tendo tempo de fazer as coisas, um mínimo de tempo aí, um a dois dias por semana, quando muito. Então atrasa muita tarefa. (grupo focal polo 2).

A gente não tem tempo de assistir filme de duas horas porque as vezes você tem duas horas por dia para dedicar a três disciplinas, dependendo do dia da semana então você tem que sair de um raciocínio e entrar em outro . . . mas, quando o professor ele coloca, por exemplo, três filmes de duas horas e meia cada um pra depois você ir lá e comentar sobre eles, ninguém tem tempo de ver o filme todo não. (grupo focal polo 1).

Tal desenvolvimento fragiliza o aprofundamento dos conteúdos, uma vez que o tempo que os alunos dispõem para as atividades é restrito e dividido com outras atividades laborais e domésticas. Em algumas situações notamos que os alunos confundem a flexibilização de tempo e espaço que a EaD proporciona com a flexibilização das normas e da rigidez acadêmica.

Porque a gente escolheu a EaD justamente pela flexibilidade de horários para estar realizando as atividades e a gente teve uma orientadora acadêmica que sugeriu que a gente deixasse de trabalhar para estudar, porque tinha que ter uma dedicação aos estudos e isso é complicado de acontecer. [...] acho que essa cobrança da faculdade é em todos os aspectos. Eles nos cobram pelas tarefas, eles nos cobram pelos fóruns, eles cobram porque se a gente não está participando da plataforma, se a gente fica um dia sem participar eles cobram porque a gente ficou um dia sem participar, se a gente chega atrasados numa aula presencial eles nos cobram. A faculdade faz muita cobrança, sendo que a proposta que ela fez foi em ajudar e beneficiar e tentar ajudar na questão de nós trabalharmos e escolhermos esse curso de EaD por essa questão de trabalharmos e termos outra vida junto ligado. (grupo focal polo 2).

Frente ao exposto, notamos que o tempo pedagógico, tanto no disponibilizado aos alunos para apreenderem os conteúdos, quanto o tempo que eles próprios dispõem para os estudos, apresentam-se como um elemento limitador da qualidade da apreensão do conhecimento próprio das práticas corporais.

CONCLUSÃO

Percebemos que o desenvolvimento do curso em análise encontra-se em uma dinâmica de afirmação e negação da aprendizagem significativa e formação de conceitos sistematizados sobre as práticas corporais.

Vemos que frente aos conhecimentos próprios das práticas corporais há uma tentativa, por uma disciplina, de ampliação do ensino centrado na técnica, dialogando conhecimentos de natureza pedagógica e com conhecimentos que explicam as diversas práticas corporais, advindos das ciências humanas, sociais, psicológicas e biológicas.

Todavia, na contramão da ampliação, percebemos que nos momentos primordiais do desenvolvimento do curso, o conhecimento científico não é o centro da aprendizagem. Logo, a ampliação dos conhecimentos esbarra no trato superficial e assistemático, que o aproxima do senso comum.

Tal contradição pode ser explicada por dois fatores importantes que são a compreensão da função docente na EaD e pelo tempo pedagógico disposto para o aluno aprender.

Quanto à função docente na mediação pedagógica, entendemos que o mais coerente com o PPC do curso e com a proposta de ampliação dos conhecimentos, seria uma compreensão do professor como sujeito do trabalho pedagógico, que domina um conhecimento aprofundado e sistematizado sobre uma determinada prática corporal e que detém a responsabilidade por construir caminhos com o aluno. Porém, tal relação demonstra-se fragilizada pelas intervenções não sistematizadas e centrada em conhecimentos advindos de sua experiência pessoal. Entendemos que este movimento esvazia e deslegitima a prática pedagógica na EaD, enquanto prática que almeja humanizar aprofundar a formação docente.

Quanto ao tempo pedagógico, percebemos pela fala dos orientadores acadêmicos, dos professores formadores e dos alunos que este se mostra insuficiente pela quantidade conceitual e de conhecimentos a serem apreendidos, e também sem sistematização na dinâmica de vida dos alunos que pouco tempo destinam aos estudos.

Com base em estudos realizados sobre o perfil dos alunos deste mesmo curso, Pimentel, Lazzarotti Filho e Silva (2011) apontam que os alunos são oriundos das classes C e D, são trabalhadores e conciliam o estudo com o trabalho. Indubitavelmente a EaD para esse tipo de sujeito é uma oportunidade impar de construir conhecimento compensando tempo que lhe foi tomado. Porém, percebemos que da forma como está organizado o curso que segue orientações da UAB, há muito mais um anseio por formação de trabalhadores da educação de maneira flexível e ligeira do que uma preocupação com a solidez da formação.

Tal empreendimento parece ser uma das vertentes contemporâneas de desqualificação da formação da classe trabalhadora da educação. Como afirma Lins (2003) o capital sempre engendrou formas de educar a classe trabalhadora com o mínimo necessário, não se preocupando com a solidez e profundidade teórica.

Frente ao exposto, é urgente transformar a mediação do conhecimento nesta modalidade de Educação, solidificando conceitualmente e alargando o tempo para consolidar aprendizagens significativas. Este processo demanda uma atuação docente centrada no conhecimento científico e na humanização dos sujeitos pela apropriação do conhecimento sistematizado.

REFERÊNCIAS

- Belloni, M. L. (2002) Ensaio sobre a Educação a Distância no Brasil. *Educação e Sociedade*, 23 (78), 117-142. Recuperado em 18 outubro, 2017, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000200008&lng=en&nrm=iso
- BRASIL. (2006) *Decreto nº 5.800 de 08 de junho de 2006*. Dispõe sobre o Sistema Universidade Aberta do Brasil. Recuperado em 18 outubro, 2017, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5800.htm
- BRASIL. (2009) *Projeto Político-pedagógico do curso de licenciatura em Educação Física na modalidade a distância*.
- BRASIL. (2010) *Informações sobre a UAB*. Recuperado em 18 outubro, 2017, de http://www.uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6&Itemid=18
- Frigotto G. (2010) O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In FAZENDA, I. (Coord.). *Metodologia da pesquisa educacional* (12a ed. Chap. pp. 75-100). São Paulo: Cortez.
- González, F. J. (2004) O estudo do esporte na formação superior em Educação Física: construindo novos horizontes. *Revista Movimento*, 10 (1), 213-229. Recuperado em 18 outubro, 2017, de <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2833>
- Lins, A. M. (2003) *Educação Moderna: contradições entre o projeto civilizatório burguês e as lições do capital*. Campinas: Autores Associados.

Moraes R. A. (2003) Educação a distância: aspectos histórico-filosóficos. In Fiorentini L.M.R. & Moraes R.A. (Coord.). *Linguagens e interatividade na educação a distância*. (Chap. 4, pp. 111-132). Rio de Janeiro: DP&A.

Pimentel, F. C.; Lazzarotti, A. Filho & Silva A. M. (2011) Perfil dos estudantes de Educação Física da Universidade Federal de Goiás na modalidade a distância. *Lecturas Educación Física y Deporte*, 16 (156), 01-09. Recuperado em 18 outubro, 2017, de <http://www.efdeportes.com/efd156/estudantes-em-educacao-fisica-na-modalidade-a-distancia.htm>

Saviani, D. (2011) *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações* (11a ed.). Campinas: Autores Associados.

Soares, C. L. (2007) *Educação Física: raízes europeias e Brasil* (4a ed.). Campinas: Autores Associados.

Triviños, A. N. S. (2009) *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

MINIBIOGRAFIA



Guenther Carlos de Almeida (guenther.almeida@ifg.edu.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4153-9726>

Possui Licenciatura plena em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás (2008), especialização em Educação Física Escolar pela ESEFFEGO - UEG (2010), mestrado em Educação Física pela Universidade de Brasília (2013) e doutorado em Educação na PUC-Goiás (2018). É membro do Grupo de Pesquisa Políticas Educacionais e Gestão Escolar da PUC-Goiás

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0700229733950533>